

Desenhos da Holanda

Mestranda Cláudia Gomes Pereira¹ (UNICAMP)

Resumo:

O espaço na lírica de Cecília Meireles não representa apenas um décor, ele retém a memória do lugar. Em “Via Appia”, poema do livro Poemas Italianos, a poeta diz “pedras não piso apenas:/ - mas as próprias mãos que aqui as colocaram,/ o suor das frentes e as palavras antigas.”. Os versos consagram a imagem concreta das pedras e as lembranças por elas guardadas ou, um dia, testemunhadas. Dessa perspectiva, que condensa a importância do lugar e da memória que ele desperta, os poemas escritos na Holanda são marcados por símbolos que remetem ao país. O objetivo desta comunicação será apresentar marcas que a paisagem holandesa imprimiu na lírica cecilianiana.

Palavras-chave: paisagem, espaço, memória.

Introdução

“Quem sabe o que vamos encontrar quando, num hotel desconhecido, abrimos pela primeira vez a janela do quarto? (...) Uma janela de Amsterdão mostrava a cidade como um desenho finamente traçado, com suas torres, suas fachadas pontudas, delicados pormenores arquitetônicos... – e, no primeiro plano, um canal, um barco cheio de flores; o passado e o presente, a graça e o trabalho da vida holandesa, tudo aquilo que depois se vai descobrindo pouco a pouco e se pode chegar a amar profundamente.” (MEIRELES, 24, 1982)

Tomando a perspectiva de uma janela aberta, nos voltamos para a lírica de Cecília Meireles com o intuito de pensar, ainda que de maneira preliminar, a inter-relação entre a literatura e o conceito de paisagem na lírica da poetisa. É importante ressaltar que entendemos o termo **paisagem** como um conceito específico pois, mais do que representar um *décor*, ele engloba um entrelaçamento de idéias que refletem o homem e sua maneira de pensar. Assim, as perguntas iniciais que incitam este trabalho são: o que a paisagem holandesa desperta na poetisa e como isso é representado em sua lírica? Poderíamos apontar algumas marcas espaciais que os textos da poetisa mencionam, estando entre elas: as casas triangulares, os canais de Amsterdã, o Mar do Norte e as flores, entre outras características do lugar. No entanto, o intuito desta reflexão é destacar que a paisagem da Holanda desperta na poetisa um profundo sentimento nostálgico que, junto a outros fatores, é co-responsável pelo desenvolvimento de questionamentos de cunho metafísicos e filosóficos.

¹ **Autor(es)**

¹ **Cláudia Gomes PEREIRA, mestranda.**
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
dorfch_c@yahoo.com.br

Uma paisagem é sempre passiva das marcas que os homens deixam. Por essa razão, os espaços ocupados pelo homem ostentam características que revelam um pouco da história humana. Amsterdã, que foi um dos destinos da viagem de Cecília à Holanda, era mais bem contemplada pelo passante que podia caminhar vagamente por suas ruas, e assim descobrir as suas singularidades.

Cecília viaja à Holanda pela primeira vez na primavera de 1951 e permanece no país durante 15 dias. Foram dias e noites vividos com intensidade. Segundo depoimento da poetisa à Revista **Manchete**, ela quase não dormia durante as noites, pois escrevia os poemas da obra **Doze Noturnos da Holanda**. Ainda em entrevista a Pedro Bloch (1964), Cecília diz serem os noturnos as lembranças das conversas que ela manteve com a noite “naquele mundo nascido da água”. O fato de a Holanda ter parte do seu território construído em solo que os homens tiraram do mar por meio do represamento das águas, faz com que Cecília admire e valorize ainda mais aquela terra. Estar na Holanda é para a poetisa estar em solo encantado de uma terra distante. Cecília tem o privilégio de poder, contemplar a luz “que faz avultarem as fachadas seculares, que rodeia de glória os parques suntuosos” (MEIRELES, 148, 1999). A luz da Holanda é descrita por Cecília como fenomenal, “leve”, “delicada”, capaz de destacar “cada ruga de tijolo, cada arabesco da madeira, cada cintilação de vidro, cada bordado ou prega de cortina”. Ou seja, a luz da Holanda é singular, pois evidencia particularidades da paisagem e dos objetos.

A epígrafe que abre este texto abre também a janela que apresenta a paisagem de Amsterdã para Cecília Meireles. Assim, segundo o excerto da crônica “janelas de hotéis”, inicialmente, o que chama a atenção da poetisa é a arquitetura da cidade e as águas dos canais com seus barcos floridos. Sobressai ao seu olhar, ainda, os traços do passado que a paisagem conservava juntamente aos do presente. Poucas são as cidades que conseguem tal desenvoltura: preservar de maneira tão natural a delicadeza dos traços arquitetônicos do passado com as marcas da modernidade. A Holanda conservava tantas características de seu passado, que o viajante sentia-se “dentro de gravuras”, segundo Cecília. Isso nos faz considerar que, ao chegar à Holanda, ela carregava informações culturais bastante enriquecidas, fato que contribui para o olhar contemplador.

Em “Desde o Schiphol”, a narradora-poetisa descreve a sua chegada à Holanda e revela que o amor pelo país antecede sua chegada. Assim, segundo a narradora-poetisa, “desde o Schiphol comecei a amar a Holanda, antes de ver os canais, de conhecer as flores, de sentir a fisionomia das casas, de poder admirar seu povo”. Nessa crônica, Cecília reafirma sua admiração pela Holanda, destacando, novamente, como na crônica “Janela de hotéis”, os canais, as flores, a arquitetura e, por fim as “figuras humanas”. Como podemos verificar, alguns lugares são mencionados repetidamente, isso significa que são importantes, pois exercem influência em sua lírica. Mas, o que eles inspiram, considerando que a paisagem não é elemento decorativo na obra cecilianiana?

Cecília reconhece na Holanda um ambiente familiar. As noites são descritas como frias e claras. As ruas silenciosas são convites à introspecção. A idéia do convite à interioridade fica sugerida, sutilmente, pela representação das discretas luzes vindas dos interiores dos cômodos que se podiam observar através das cortinas. As luzes sugeriam a intimidade dos interiores dos cômodos, como nos quadros da pintura clássica neerlandesa, e induziam a narradora a sondar a sua própria interioridade. A decoração dos interiores holandeses sublinha o requinte e o ambiente é qualificado como

“sedutor”, isso se deve, em partes, à valorização do uso das cerâmicas, dos objetos de metais amarelos e de cobre, das rendas e das flores. Familiarizada àquele ambiente por um conjunto de fatores, a poetisa se entrega ao fazer poético e, por meio dele, tenta entender como se deu a sensação de familiaridade com o lugar. Assim, Cecília intensifica seus questionamentos sobre a súbita afeição pelo país:

Talvez pelo seu tamanho, por sua disposição, pelas lembranças que o tempo ali desprende – Spinoza, Descartes, Van Gogh... – e pelos temas dos quadros, que logo ali se evocam, – uma carta que se lê, cabazes, rocas de fiar, jarras de leite, cestas de pão... – a Holanda tem um ar caseiro, natural; simples, sem banalidades; e sério, sem dureza. (MEIRELES, 1999, 144)

Nessa transcrição, a poetisa subjetiva a Holanda por meio de cenas que são comuns, cenas que são inclusive temas evocados na pintura holandesa. Deste modo, destacam-se as “cestas de pão”, as “jarras de leite”, figuras comuns do cotidiano da cidade. Além de realçar as cenas, a poetisa sublinha os nomes de três personalidades: Spinoza, Descartes e Van Gogh. Dois filósofos que desenvolveram suas respectivas teorias durante o século XVII e um pintor holandês do século XIX.

A Holanda, aos olhos de Cecília, parece conservar características do século XVII, que podem ser apreciadas nas cenas que se constituem como paisagens:

“Portas largas. Tapetes maciços. Corredores amplos. Cômodas robustas. Em cima das cômodas, largos panos de renda. Em cima da renda, jarros enormes.

Por mais que pareça impossível – uma atmosfera do século XVII. Por quê? Pelas proporções? Pelas perspectivas? Pela distribuição de luzes e sombras?” (MEIRELES, 1999, 149)

O conceito de paisagem é fundamental nesse ponto da reflexão, pois podemos verificar que a descrição do lugar ultrapassa a mera descrição espacial. Os detalhes da paisagem induzem a poetisa às lembranças do século XVII e, novamente, à pintura. Na transcrição acima, que foi extraída da crônica “Noite Maternal”, o espaço é subjetivado por uma memória histórica e distingue-se de uma paisagem qualquer. O mesmo procedimento que relaciona o lugar a uma memória pode ser observado no poema “Pedras de Florença”. Nesse poema, as pedras registram a memória do lugar e das pessoas que ali passaram. Em função disso, as pedras são apresentadas nos versos como “marmóreos livros”. Da mesma maneira que as pedras conservam a memória do lugar, a Holanda é apresentada ao leitor como um lugar cheio de memórias singulares. A prática de relacionar lugar e memória não significa que o passado se sobrepõe ao presente, mas que o lugar registra os acontecimentos que nele ocorreram.

Após contextualizar as impressões que a Holanda causou na poetisa, podemos notar que a ênfase no passado, destacado pela figura da arquitetura, dos filósofos e dos pintores, é uma maneira de expressar a necessidade de pensar em algumas idéias que ficaram à margem daquela época. Um comentário dessa natureza é generalizante. No

entanto, a coletânea de textos de Cecília nos permite algumas restrições. Assim, evidenciamos o filósofo Spinoza, que produziu parte de sua obra na Holanda e que se dedicou às questões metafísicas.

Para Espinosa, existe uma única substância² que é Deus. Deus é eterno, infinito e perfeito. Assim, ele é coextensivo a tudo o que há no universo, logo, “deus está em tudo”. Ele é o universo, sem o qual nada existe. Segundo a proposição XX, da **Ética** (2005): “A existência de Deus e a sua essência são uma e a mesma coisa”³.

A filosofia de Espinosa buscava, através do conhecimento, a libertação de qualquer espécie de medo que fosse reflexo da ignorância. Ele acreditava que a verdade libertava. Filósofo panenteísta⁴ que, por muitas vezes, foi tido como panteísta⁵, dedicou sua vida à investigação racionalista, buscando explicar o homem e Deus através da “inteligibilidade do pensamento e do real”⁶.

Na primeira parte da **Ética**, na VI definição, Espinosa diz que Deus é “um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância constituída por uma infinidade de atributos⁷, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (SPINOZA, 2005, 63).

Além dos poemas do livro **Doze Noturnos da Holanda**, Cecília escreveu outros poemas na Holanda que estão na obra **Poemas de Viagens** (2001). Entre esses, um poema revela-se interessante para nosso estudo, pois nele a poetisa estabelece uma relação direta entre Deus e alguns seres, elementos e situações. O poema é intitulado “Desenhos da Holanda” e é dividido em três partes: I. Campos; II. Figuras; III. Paisagens com figuras. Dessas partes, a primeira é essencial para o nosso estudo, uma vez que nela encontramos a definição de Deus relacionada com a natureza:

I. Campo

A alma ao nível da terra:
a alma ao longo destes campos,
docemente cinzentos,
onde róseas crianças brincam,
soltas como flores,
como ramos secos e cordeiros brancos.

² Espinosa entende por substância “o que é em si e se concebe por si: isto é, aquilo cujo conceito não tem necessidade do conceito de outra coisa, do qual deve ser formado.” (ESPINOZA, 2005, 62)

³ A demonstração da proposição explica: “Deus é eterno, e todos os seus atributos são eternos, isto é (definição VIII), cada um de seus atributos exprime existência. Portanto, os mesmo atributos de Deus que explicam a essência eterna de Deus (Definição IV) explicam, ao mesmo tempo, sua existência eterna, isto é, aquilo mesmo que constitui a essência de Deus constitui também a sua existência, e assim a essência e a existência são uma só e mesma coisa” (SPINOZA, 2005, 96)

⁴ Panenteísta significa tudo-em-Deus, ou Deus-em-tudo (SPINOZA, 2005, 38)

⁵ Panteísta equivale a tudo-é-Deus ou Deus-é-tudo. Panteísmo se identifica ao politeísmo, que equivale ao ateísmo, pois há tantos deuses quantos fenômenos naturais. (SPINOZA, 2005, 38)

⁶ CHAUI, M *Nervuras do real*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Pág. 1939

⁷ Espinosa entende por atributo “aquilo que o entendimento percebe de uma substância como constituindo a sua essência”. (SPINOZA, 2005, 62)

A alma ao nível da terra:
feliz, entre os cascos dos cavalos,
o úmido focinho das vacas
perfumado de água e de erva.

A alma ao nível da terra:
sem visitas de anjos,
sem exigência de asas.
Também os pássaros vêm pousar na areia,
e na areia se esquecem.

A alma reduzida à sua pobreza humana,
Acomodada aos outros elementos da Criação.

(Quando fomos assim?
Que antepassados recordamos,
diante desta pesada humildade?)

Deus desce, por isso, em flor,
e brilha na planície grave.
Deus converte-se em leite e fruta,
e há uma terna adoração
entre os claros olhos aquosos
e a rubra e lustrosa cereja
e a redonda maçã dura e cheirosa
e o espesso leite cor de marfim.

Deus faz sua aparição modestamente,
sem trovões nem auréolas:
em metamorfoses de terra, chuva, sol...
(Deus que ainda não é idéia,
Deus é apenas imagem,
estampa, natureza-morta,
caseiro como pão que se coze
e a roupa que se fia,
Deus cotidiano:
(Pai nosso, que estais no chão...)
(MEIRELES, 2001, 1368)

O título do poema, “Desenhos da Holanda”, não deixa de ser um convite à contemplação. Os versos iniciais descrevem uma vista que mostra os diversos seres acomodados de maneira harmônica, apesar de suas diversidades. Assim, as crianças, as flores, os animais são dotados da mais singela simplicidade e configuram as peças que compõem este cenário, que se assemelha a uma pintura de uma cena cotidiana. Os versos tratam, ainda, do tema da representação da imagem de Deus.

No poema, a densidade psicológica do homem não ganha grande destaque, pois ele está sempre ao lado de outros “elementos da criação”, nem mais e nem menos. O homem é definido segundo a sua própria condição humana finita: “a alma reduzida à sua pobreza humana,/ Acomodada aos outros elementos da Criação”. A “pobreza humana” está mais relacionada à idéia da falta de humildade do homem diante da

natureza do que à idéia da finitude dele. O eu lírico tenta identificar se o homem teve um dia tanta simplicidade na arte de viver e quando isso aconteceu, como aquele pássaro que pousa na areia e lá se esquece. A humildade das cenas descritas torna-se “pesada” para os olhos daquele que a contempla. Assim, a definição de Deus vem associada à imagem dos outros seres. Deus, na sua magnificência, desce à terra através das coisas mais comuns, como as flores, o leite e a fruta. Ou seja, manifesta-se na natureza.

A sexta estrofe do poema consagra a imagem de Deus ligada às noções comuns. Prova disso é o fato de Deus estar presente em tudo, inclusive nos alimentos destacados. Os alimentos são representados pelos de boa qualidade, daí que o leite seja espesso; e a fruta “lustrosa”, “cheirosa”, “dura”. As figuras das frutas “maçã” e “cereja” despertam, ainda, outra possível leitura que denotam a sexualidade. As figuras da “cereja” e da “maçã”, além serem frutas, têm por semelhança a cor “rubra”. A descrição das frutas, seja por sua cor ou por seu aspecto, estimula tanto o sentido da visão, quanto o do paladar. O vermelho é uma cor que chama a atenção e sua simbologia denota o ardor, o fogo, o desejo. A figura da maçã, por outro lado, também merece destaque. A simbologia vê a figura da maçã como um dos símbolos da fecundidade e do desejo, além de atribuir a essa figura o posto de um lugar-comum na poesia lírica. Segundo Arriguci (1990), no ensaio sobre o poema “Natureza morta”, de Manuel Bandeira, a maçã é o símbolo de fertilidade, isso se deve ao seu formato que se assemelha a um útero, que nutre e cultiva a vida dentro de si.

Contudo a idéia que mais impressiona no conjunto da leitura dessa primeira parte do poema “Desenhos da Holanda” é a imagem de Deus ligada aos elementos comuns e simples. Do ponto de vista da obra de Espinosa, na **Ética**, segundo Deleuze, a idéia de Deus está profundamente ligada a essas noções e é inclusive apta a “conjurar todas as generalidades e a nos fazer passar da essência de Deus à essência das coisas como seres reais singulares” (DELEUZE, 2002, 91). Dessa maneira, movemo-nos ao poema “Desenhos da Holanda”, dada à semelhança que há entre a concepção da idéia de Deus da poetisa com as idéias expressas por Espinosa. Essa relação de proximidade talvez tenha sido marcada pela influência do lugar e da memória que esse lugar desperta.

Conclusão

Retomamos nesta conclusão que o intuito do trabalho foi demonstrar marcas que a paisagem holandesa tenha imprimido no fazer poético ceciliano. Dessa forma, no quadro que se descreveu, a paisagem se torna símbolo de resistência, de clamor por revisitações. Sendo marcada, sobretudo, pela configuração da importância do passado daquele lugar e de sua memória vivida que consagra a idéia da condição universal em que nós todos estamos inseridos, como no citado poema “desenhos da Holanda”, e traduz a necessidade do revigorar dos valores nobres trazidos à vida comum.

Referências Bibliográficas

- [1] ARRIGUCCI, D. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- [2] BACHELARD, G. *A água e os sonhos*. (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- [3] _____. *A Poética do Espaço*. (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998
- [4] CHAUI, M. *As nervuras do real*. São Paulo: Companhia das letras, 2ª. reimpressão, 2000
- [5] DELEUZE, G. *Espinosa - Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002
- [6] MEIRELES, C. *Cecília Meireles: crônicas de viagem - 1*. Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1, 1998.
- [7] _____. *Cecília Meireles: crônicas de viagem - 2*. Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. 2ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1, 1999.
- [8] _____. *Cecília Meireles: crônicas de viagem. 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1, 1999.
- [9] _____. *Cecília Meireles: Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- [10] _____. Poemas Italianos. In: SECCHIN, A.C. (Org). *Poesia Completa/Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v 2, 2001, p. 1115 - 1164.
- [11] SPINOZA, B *Ética Demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- [12] ROHDEN, H. Rumo ao monismo absoluto. In: SPINOZA, B *Ética Demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 13 -55.